

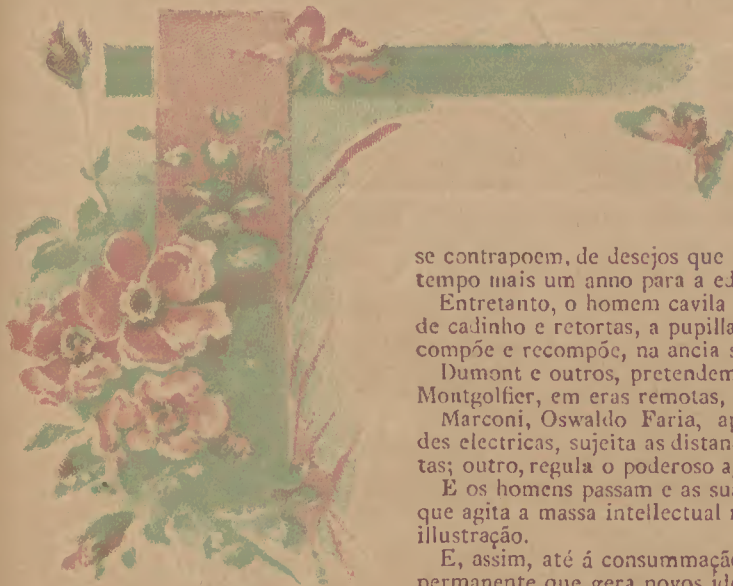
# A LAGRIMA

Quinzenario illustrado

Ed. resp. Marcos E. C. de Carvalho

Barcellos, 1 de janeiro de 1904  
Red. e offic.: *Typographia Barcellense*

Anno, Barcellos, 480; Provincias, 600



## ANNO BOM

Mais um anno que tombou n'esse coval im-  
menso que chamamos—o passado.

Mais outro que surge, trazendo no ventre a  
incertesa das coisas, essa duvida que amortece  
o doce olhar dos velhos, que faz brilhar de es-  
perança a pupila vivaz do adolescente.

Para aquelle—mais um passo para o tumulo,  
para o misterio impenetravel da morte, miste-  
rio que quebra as alegrias, que mingua os sor-  
risos.

Para este—mais uma aurora que nasce a vi-  
rilisar-lhe a fronte, onde esperanças d'amor, so-  
nhos de juventude, chimeras dos vinte annos,  
têm o vivo fulgor da felicidade.

Para os velhos—a desillusão amarga d'esta  
vida transitoria, a reflexão profunda que os de-  
senganos cavam nas almas experimentadas, o  
silencio, o amor ao lar,

Para os novos—a audacia que enthusiasma,  
o desejo que fascina, a ambição que engana, o  
ruído que entontece!

N'aquelles—uma lagrima de saudade ou de

tristeza, aljofar chrialisan  
do uma magua, condensand  
uma recordação.

N'estes—labios abertos ao  
riso, n'uma inconsciencia de  
saude e d'amor!

E entre lagrimas e sorris-  
os, alegrias e dores, n'este  
marulhar de forças que se  
derimem, de vontades que

se contrapoem, de desejos que se inflammam,rola no vórtice do  
tempo mais um anno para a idade da Terra.

Entretanto, o homem cavila no fundo do laboratorio; no meio  
de cadinho e retortas, a pupilla intensa da sua intelligencia, de-  
compõe e recompõe, na ancia suprema da reconstrucção vital.

Dumont e outros, pretendem dominar os ares que Gusmão e  
Montgolfier, em eras remotas, sonharam para seu dominio.

Marconi, Oswaldo Faria, aproveitando, um, as vibratilida-  
des electricas, sujeita as distancias ao impulso de suas descobertas;  
outro, regula o poderoso agente tornando o docil e captivo.

E os homens passam e as suas obras ficam, n'esta tenacidade  
que agita a massa intellectual n'um alento de prosperidade e  
illustração.

E, assim, até á consummação dos seculos, n'uma evolução  
permanente que gera novos ideaes politicos mas que não altera  
a condição moral da humanidade.

No seculo actual, um monocolo impertinen-  
te—Chamberlain—fitou o Transval e, a jettatura  
d'esse olhar, aniquilou uma patria.

O homem, sempre o homem, n'um crescen-  
do assustador de dominio e innatamente rapa-  
ce e utilitario, aquilatando o dever pela força,  
a razão pela conveniencia.

O sentimento, essa flor d'alma, que sobredoi-  
rava em tempos idos o espirito das multidões  
dando-lhe a cor ideal da crença, que germina-  
va poeticas canções aos bardos, que criava em  
noites agrestes os serões em que contadas as  
lendas de mouras encantadas, perdeu o delicio-  
so perfume espiritual.

Hoje, n'esta data, que um resto de orienta-  
lismo nos faz um pouco *feliches*, ainda temos o  
consolo—bem dôce que é—de desejarmos uns  
aos outros mais venturas, mais felicidades.

E assim, a humanidade, em assomos de bon-  
dade, sensibilisa-se um instante—só um ins-  
tante!

A. Braz

*A «Lagrima» deseja aos seus amigos, assignantes, leitores e colaboradores, um novo anno de venturas e prosperidades.*

*A todos—o nosso cartão de  
BOAS=FESTAS.*

O nosso bom amigo, leal e dedicado correlligionario José Duarte, antigo terrivel *Javert* cá da terra, é o que se chama um *chuchador* com boa piada.

O illustrado e sabedor professor de latim, Emilio Pinto Rosa, ouvindo-o fallar verbosamente sobre a lingua portugueza, perguntou-lhe:

—O' José Duarte, diga lá o que é grammatica?

—Hom'essal grammatica é um livro. O que você não é capaz de me dizer é como se dá uma bofetada em latim...

Bravo! isto é que é ter resposta fina.

Não é preciso ir uma pessoa com um *gôlo* nem haver nevoeiro, basta o individuo seguir o passeio que vae desde a casa da sr.<sup>a</sup> D. The-reza Baptista, pela fronteira de predios que chamam ao jardim, assim um tanto distraido, que lhe é muito facil bater com a testa contra as grades barrigudas do rez do chão da habitação do sr. José de Bessa.

Tal succedeu ao pobre Manoel Buraco. Demandava elle, n'uma noite d'estas, o lar domestico, tocando viola, quando dá em cheio com a testa nas provocantes grades.

Tal foi a dôr, que largou das mãos o instrumento, feito logo em cavacos no chão, e suppondo que alguém, ali acocorado, lhe tinha formada uma pancada na cabeça, gritou por soccorro.

Juntou-se bastante gente que debandou a rir a bandeiras despregadas, quando soube da origem do *galo* que o Buraco tinha na testa...

#### Um punhado de mentiras

Na loja do Azevedo:

—O Gandarinha, o que é melhor do ovo?

—A gêmma.

—Então porque gosta você tanto da *Clara*?

Por occasião de se commemorar o 1.<sup>o</sup> de dezembro, em Barcellos, com musica, foguetorio, etc., um popular que seguia atraz d'uma banda:

—Pede se o hymno. (Pé de suino).

O José dos Pretos disse ha dias no Café Central, que era capaz de fazer um par de sapatos em menos de cinco minutos.

O Villas, que estava presente e que, incontestavelmente é um rapaz fino, disse logo que apostava em como isso era impossivel. Palavra puxa palavra, apostam dez tostões. José dos Pretos vae buscar um par de botas velhas e, cortando-lhe os canos, fez effectivamente um par de sapatos em menos de cinco minutos.

O Villas ficou fulo — e nem o caso era para menos.

Um batoteiro muito conhecido ha bons annos em Barcellos por ser *ponto depennado*, nunca se deitava sem primeiro rezar:

—Meu Deus, permitti que eu não case; se eu casar que minha mulher seja fiel; se o não fôr, que eu não saiba; se eu souber, que não me importe.

Em que se parece o nosso amigo Juca Velloso com alguns artistas gymnastas?

—Em trabalhar em *argollas*.

Dizia ha dias o João Candido:

—Tenho *pena* de não ter aqui um lapis para tomar uns apontamentos.

—Pois se você tem *pena* para que quer o lapis?

Ha annos, houve n'esta villa um negociante que, pouco tempo depois de se estabelecer, se viu obrigado a declarar-se em estado de quebra. Vieram os credores, fecharam-lhe as portas do estabelecimento e o homem resolveu assentar praça.

Um dia encontrou-se com um seu antigo collega, que, ao vel-o envergar a modesta farda de soldado, exclamou penalizado:

—Coitado! ao que tu chegaste. Era melhor que fosses negociante fallido...

—Estás enganado. N'esse caso estava *quebrado*; assim, pelo contrario, estou *soldado*.

Contam-nos um caso verdadeiramente extraordinario: nada mais, nada menos que um Santo Antonio com um grão na asal! É verdade.

Ha dias, n'uma representação, que houve ali n'uma freguezia do nosso concelho, do conhecido drama sacro «Santo Antonio», o individuo que desempenhava o protagonista estava um verdadeiro anginho...

Era um gosto vel-o.

E os espectadores assim o comprehendiram, pois estalaram sempre horribéis gargalhadas.

## A LAGRIMA

### NOTAS DA QUINZENA

Os dias de Consoada e Natal, passaram quasi despercebidos á «Lagrima» que gosta de arrecadar para a historia local successos de grande monta!

Uma tristeza de arrepiar!

Quem se dêsse ao incommodo de transitar pelas ruas da villa na noite do bacalhau, do vinho quente com mel, das rabanadas, dos mexidos, das sopas sêccas, não encontrava esses grupos tão peculiares em annos transactos—buhentos, cantantes, estrepitosos!

Das casas cá para fóra não transpirava a alegria da união da familia que as crianças coloriam com as suas risadas.

Um frio torturante; um céu pesado.

Nenhuma noticia d'essas mezas extensas, abundantes e variadas, a que não era alheio o vinho verde abafado, os espumosos de boa procelencia, os licores cor d'ouro, de esmeralda, os requintes da doçaria... nas casas da velha Barcellos, visitadas á hora da ceia por familias já refeitas no seu lar.

\*

Parece que se mudou de costumes ou de finanças, em 1903.

Esta é porém a hypothese mais accetavel, desde que é ingenita no individuo a vontade para o gôso, que relativamente se pode transmitir na franqueza com que recebemos um amigo, uma familia das nossas relações; na maneira como os obsequiamos com os acepipes da nossa lavra...

A falta de vinho na nossa provincia, com o producto da venda do qual o lavrador pagava as contribuições e os juros das letras e se surtia de fazendas nos nossos estabelecimentos, veio transtornar muito a vida economica dos barcellenses.

Não é pois o mal da sêde (porque ha ahí muito summo de parra do Douro e do Sul), é a ausência de dinheiro na mão do homem do campo e, peor do que isso, a derivação de bastantes contos de reis para outras provincias d'onde se importa o rascante.

E, agora, venham dizer-nos que a falta de vinho não faz mal ao estomago de tanta gente...

Barcellos não vae passar um anno de sêde, pela fraca colheita de vinho—um dos maiores elementos de riqueza do concelho—mas talvez um anno de fome.

D'ahí talvez essa tristeza das festas do Natal.

\*

E não temos assumpto. Nenhum caso picante.

As ruas continuam empapadas, *chalus*, impertinentes...

A' noite se não fôra o recurso das garlochas, os *habitués* dos centros de cavaco, os frequentadores da Assemblêa, ficariam bloqueados em casa pela lama.

Ha bastante tempo debutava na arte de matar porcos o inclito varão João Botas.

Cabia a vez a um bello exemplar do sexo masculino, de peso pouco vulgar, pertença e criação d'um lavrador de Arcuzello.

Era chegada a hora da execução fatal.

Veio o banco, o alguidar, a faca porquicida; chegou a palha; juntaram-se os ajudantes.

O João Botas mediu n'um relancear d'olhos a... victima e como que senhor absoluto da vida d'ella, disse:

—E' p'ra'gora, rapazes.

\*

Com bastante sacrificio o cevado foi posto no banco, seguro pelas mãos, pelos pés e pela cauda.

O matador armado do instrumento da execução, brada:

—Seguro?

... E enterra aquella terrivel lamina d' aço direita ao coração do suino, que tão grande solavanco deu que todos, ajudantes e matadores, caíram por terra, como se uma granada tivesse arreventado entre elles.

O porco... tal foi a dôr, que fugiu n'estes entrementes com a faca espetada no corpo, gritando como seiscentos diabos!

Levantam-se todos, como que estremunhados de somno, accendem a lumieira — apagada no meio d'este rebuliço—e... o cevado!

Todos ficaram estupefactos!

Onde está o porco? Como quem diz: «onde está o gato?»

Todos os personagens d'esta tragedia e ainda visinhos, munem-se de lumieiras e foram á procura do bicho.

O Botas ia encavacado. A esposa do lavrador lamentava a perda do sangue e o marido suppunha ir encontrar o animal no fundo de uma mina.

E... lá seguia aquella procissão, á luz da palha, semelhando um enterro... á cata do porco, que afinal foi encontrado morto entre duas mêdas de palha.

### Cumulos

O Augusto Viajante—estar sempre em casa.

O Domingos Carreira—andar de vagar.

O Domingos Vinagre—ser melifluo.



—O' sr. professor, pelas alminhas...

—Arre! seu malandro! Não lhe bato por você ter a conta errada, nem por vir tarde p'ra aula, mas por não cumprir as minhas ordens. Já lh'o disse e não torno a repetir-o: de hoje em diante tem de ir buscar a tinta de escrever, os aparos, as canetas, á papelaria Soucaux.

—Ai! ai! ai! Jesus Senhor, que eu estalo das mãos.

—E' bem feito, seu pingão. Pois ninguém lhe vende mais barato... Depois tem lá chromos, que eu, da idade em que estou, nem sequer parecidos vi, próprios para se darem boas festas (que se devem mandar ás pessoas de relações, até o dia de Reis) e tambem destinados a parabens, etc.

—Aqui d'el-rei. Já tenho as mãos a escorrer sangue.

—Mais uma duzia de bôlos por não ter dito, mais, á sua mãe, que deve comprar, na papelaria, cacau em pó, aromatico, saboroso, que é superior ao café e chocoilato, já pelo lado alimenticio, já pelo lado economico e hygienico, e que em latas de 125 e 250 grammas custa respectivamente 180 e 300 réis.

—Ai! que eu morro!

—A'gora morre: isto é para lhe esclarecer a intelligencia. Ouviu?

Livros escolares, artigos de desonho e de escriptorio, ceramica do concelho (typo da Baviera), deve tudo isto comprar na papelaria Soucaux, á Porta Nova, junto ao Café Paula.

—Ai! Ai!

## PERFILÕES MASCULINOS

Esta secção põe hoje luminarias  
E grita a toda a força do pulmão  
Que vaê já celebrar em rimas varias  
Um colloga da nossa redacção.

Muito embora os leitores creiam ou não  
E julguem que isto é phrase d'espavento  
Affirmamos que o nosso perfilão  
Tem mais de dez mil kilos de talento.

Não é alto nem magro; e quem olhar  
Para o seu rosto, sendo verdadeiro  
Deve dizer, até sem hesitar  
Que em tempo foi um grande *bezigueiro*.

Aquelle que no vinte queira dar  
Vá correndo, já, já, n'este momento  
Pedir ao Quim da Cunha p'ra cantar  
O «já foi frade de certo convento».

E foi; mas, pelo visto, pouco geito  
Mostrara p'ra essa vida enclausurada.  
Não obstante é um cidadão *prefeito*  
... Vejam lá se pereobem a piada.

Tem o triste condão de ser poeta  
E de escrever artigos p'ra jornaes.  
Ao leitor, que não é nenhum pateta  
Julgo osusado, até, dizer-lhe mais.

Mas se cuidam que é simples brincadeira,  
Ou que nós os queremos enganar  
Podem ir perguntar mesmo ao Carreira,  
Se isto é serio ou se estamos a brincar.

E, de caminho, tragam na algibeira  
Uma palavra p'ra rimar em *ins*  
Só para ver se de qualquer maneira  
Isto termina bom.

Souza Martins.